

RESUMO - PESQUISA ARTÍSTICA / DRAMATURGIA

BAILE BUFA: REFLEXÕES PARA UM CIRCO CONTAMINADO

Alysson Lemos Campos (alyssonlemosc@gmail.com)

O presente estudo tece reflexões sobre os campos da bufonaria e do circo em Fortaleza-Ceará através do espetáculo Baile Bufo, dialogando com o conceito de contaminação estética, apresentado pelo pesquisador paraibano José Tonezzi (2011). A pesquisa tem como objetivo analisar possibilidades de composição com o circo a partir da estética bufônica em tensão com alguns cânones que compõem o imaginário e o repertório poético dos corpos e da cena circense. O marco histórico para a invenção do que conhecemos por circo moderno tem um pé fincado na tradição militar, quando Philip Astley, no fim dos anos 1700, reúne atletas equestres dessa área para exibição circense (BOLOGNESI, 2009). Dentre uma série de características que emergiram dessa poética, podemos observar a transgressão do natural e a realização do impossível como sendo as características básicas do espetáculo circense (BOLOGNESI, 2002). Nota-se que nos últimos anos nossa cena vem ganhando novos contornos, porém, um certo imaginário e um conjunto de práticas oriundas dessa origem militarista-moderna parecem se fixar no que apreendemos sobre o que se é, e como se faz circo, bem como quais corpos ocupam majoritariamente esses espaços. Em diálogo com a dramaturga e pesquisadora Baukie Lievens em uma de suas cartas ao circenses, o circo que se baseia unicamente no virtuosismo perde sua capacidade de rebeldia e subversão, “trata-se de um desfile de corpos perfeitamente treinados e disciplinados que se conformam com a norma do que é considerado belo, útil,

viril ou sexy” (2017, p.1). É nesse ponto que nos interessa adentrar ao Baile Bufo, onde recorreremos a bufonaria e a sua capacidade de contaminação para a cena circense, para que outros corpos e modos de habitar o circo se tornem possíveis. O espetáculo nasce na cidade de Fortaleza, em 2023, fruto da residência de criação e pensamento em bufonaria promovida pela Plataforma Casa Bufo, com participação de oito artistas advindos de formações e atuações distintas com a linguagem circense, dispostos a experimentar lugares de tensionamento e provocar em cena esse estado de subversão reivindicado por Lievens. São corpos que destoam do padrão normativo apontado pela dramaturgia, e distantes do que costumamos ver em produções circenses, salvo raras exceções. Percebemos que a presença desses corpos que divergem em gênero, raça, padrão estético e mental gera um contágio na cena circense. A cena contaminada parte da percepção de uma anomalia ocupando esse espaço, instalando-se como contágio cultural, “onde a vida aflora justamente do que restou: dos destroços, das sobras, das ruínas [...] não é inclusão que se refere quando se diz aqui contaminação. Ao menos não no sentido de um bom-mocismo” (TONEZZI, 2017, p.2). Trata-se de uma subversão, um reprocessamento corrosivo que resulta em uma contaminação estética. Consideramos que a bufonaria é capaz de abalar as bases sólidas de um circo único, como aponta Matheus Silva (2021, p.183): os bufões “provocam o nascimento de uma força desestabilizadora das formas vigentes e hierárquicas para instaurarem infinitas novas combinações”.

Palavras-chave: circo; bufonaria; contaminação estética; baile bufo.